

## AS CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS EM PORTUGUÊS

Telmo Correia ARRAIS\*

---

*RESUMO: Fenômeno comum às diversas línguas do mundo, a expressão da causatividade varia de uma para outra. Em termos semânticos, pode-se definir uma "situação causativa" como a relação entre um evento-causa e um evento-efeito, de tal forma que a ocorrência do segundo é inteiramente dependente do primeiro. Este trabalho se limita a uma análise do problema na língua portuguesa, buscando: (i) descrever os padrões morfológicos e sintáticos que o português utiliza para representar a causatividade; (ii) estabelecer parâmetros sintáticos e/ou semânticos que definem a relação entre elementos em construção causativa; (iii) examinar aspectos semântico-pragmáticos da causatividade.*

*UNITERMOS: Causatividade; proposição-causa; proposição-efeito; agente; causa; instrumento; derivação; lexicalização; verbos causativos; verbos transitivos; verbos auxiliares; verbos ergativos; construções perifrásticas.*

---

### 1. APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA CAUSATIVIDADE

A expressão da causatividade nas diversas línguas constitui um dos temas dominantes, entre os lingüistas norte-americanos, na segunda metade da década de 60 e em toda a década de 70. Não seria mesmo exagero afirmar-se que a teoria da semântica gerativa se desenvolveu basicamente no processo de análise da construção causativa. Desde a tese de Lakoff, de 1965, publicada em 1970, e o artigo de McCawley de 1968, as estruturas causativas se tornaram um estimulante campo de investigação entre lingüistas dessa corrente, multiplicando-se os trabalhos publicados em revistas e obras especializadas; nada menos de dezenove artigos, abrangendo desde fundamentos teóricos até estudos particulares de línguas como o inglês, o hindi, o banto, o húngaro, o turco, o chinês-mandarim, aparecem numa obra especialmente dedicada a tal problema lingüístico, editada por Masayoshi Shibatani (13), hoje um dos maiores especialistas no assunto. Nossa contribuição para o conhecimento da causatividade se limita a uma análise do problema na língua portuguesa, buscando: (i) descrever os padrões morfológicos e sintáticos que o português utiliza para representar a causatividade; (ii) estabelecer parâmetros sintáticos e/ou semânticos que definem a relação entre elementos em construções causativas; (iii) examinar aspectos semântico-pragmáticos da causatividade.

Antes de mais nada, contudo, importa definir a construção causativa, o que não é nada fácil. É que, sendo a causatividade um fenômeno comum às diversas línguas do mundo, varia de uma para outra o modo como aparece superficialmente expressa: umas utilizam procedimentos morfológicos, outras sintáticos e um terceiro grupo compreende aquelas que apresentam procedimentos tanto morfológicos como sintáticos.

---

\* Departamento de Lingüística — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14800 — Araraquara — SP.

Daí sugerir Masayoshi Shibatani (12, p.239) que uma definição geral da expressão causativa deve ser dada em termos semânticos. De acordo com Shibatani (12, p.239-40) e Givón (3, p.60-1), podemos definir uma “situação causativa” como uma relação entre dois eventos, um evento-causa e um evento-efeito, de tal forma que a ocorrência do evento-efeito é inteiramente dependente do evento-causa. Em termos lingüísticos, trata-se de duas proposições na estrutura semântica subjacente, uma proposição-causa e outra proposição-efeito, comumente condensadas numa única proposição com um simples verbo na estrutura de superfície. Tal caracterização permite apontar como causativas frase do tipo:

- (1) Eu fiz João sair.
- (2) Eu forcei João a sair.
- (3) Eu causei a saída de João.
- (4) O barulho acordou o garoto.
- (5) João abriu a porta.

Que o evento-efeito ocorre dependentemente do evento-causa provam-no as contradições acarretadas pelo acréscimo da adversativa negando o efeito:

- (6) \*Eu fiz João sair, mas ele não saiu.
- (7) \*João abriu a porta, mas ela não abriu.

Por outro lado, não podem ser consideradas causativas frases como:

- (8) Eu pedi a João que saísse.
- (9) Eu lamento que João tenha saído.

Já que na primeira o evento da saída de João não ocorre necessariamente em decorrência do meu pedido (daí a não-contradição em “Eu pedi a João que saísse, mas ele não saiu”), e na segunda o evento da saída de João, de fato ocorrido, não depende de meu lamento.

Talmy Givón, entretanto, avança na caracterização da estrutura causativa, identificando nela um sujeito-agente da proposição-causa, devendo ser considerado sujeito de toda a expressão causativa, e um sujeito-paciente da proposição-efeito, que é considerado o objeto da causação.\* Enfim, “aos dois mais PRIVILEGIADOS nominais envolvidos, isto é, um considerado iniciador-agente e outro sofrendo a significativa mudança de estado/posição, é dada proeminência como sujeito e objeto do verbo causativo, respectivamente” (Givón, 3, p. 60). Trata-se, a nosso ver, de uma generalização da característica “agentivo” para o sujeito da construção causativa, o que não corresponde de fato à realidade. Com efeito, considerem-se as seguintes construções de (5) e (10):

- (5) a. João abriu a porta.  
b. João abriu a porta com a chave.  
c. A chave abriu a porta.  
d. A porta abriu.
- (10) a. João matou o cachorro.  
b. João matou o cachorro com um veneno.

---

\*Certamente, deve-se entender que Givón se refere a sujeito agente na estrutura profunda, de sorte que frases como a abaixo não possam ser apontadas como um contra-exemplo:

a. O cachorro foi morto por João.

Nesta, sem dúvida, o sujeito de superfície é paciente (*o cachorro*), mas em estrutura profunda o sujeito é agente (*João*).

- c. Um veneno matou o cachorro.
- d. O cachorro morreu.

Em ambas as séries, as três primeiras frases são expressões causativas típicas, enquanto as frases em *d* expressam apenas a proposição resultado, com um só argumento, portanto sem característica causativa, mas subentendidas como consequência implícita das respectivas construções prévias. Observe-se que as construções em (5b) e (10b) se apresentam com três argumentos, o primeiro dos quais é agente, o segundo é afetado e o terceiro é instrumento, aparecendo este último na função de sujeito nas construções de *c*. Portanto, também um sujeito instrumento poderá aparecer na construção causativa, quando um agente não estiver expresso.

Comparem-se agora as construções (5a) e (11):

- (5a) João abriu a porta.
- (11) O vento abriu a porta.

Certamente (11) não é similar às construções da alínea *c* de (5) e (10). Não se pode pensá-la como uma frase derivada de uma construção com três argumentos, em que *vento* seria instrumento. Teríamos, sem dúvida, uma frase anômala como em (12):

- (12) \*João abriu a porta com o vento.\*

A língua apresenta, pois, esquemas semânticos bem definidos para estabelecer relações causativas entre os argumentos de uma frase, os quais podemos caracterizar como segue:

- (I) Pc  $\longrightarrow$  Pe
- (II) Aa (causa-Ve) Af
- (III) Aa (causa-Ve) Af com-Ai
- (IV) Ai (causa-Ve) Af
- (V) Ac (causa-Ve) Af

Aqui, Pc e Pe são as proposições causa e efeito, respectivamente; Aa é o argumento agente de Pc; Af é o argumento afetado de Pe; Ai é o instrumento de Pc; Ac é o argumento causativo de Pc; e Ve é o verbo de Pe.

## 2. MORFOLOGIA E SINTAXE DA CAUSATIVIDADE

2.1. Entre os gerativistas, o estudo da causatividade se desenvolveu a partir de análises de decomposição lexical de verbos (cf. McCawley, 10; Lakoff, 8), na tentativa de mostrar a existência de transformações pré-lexicais, ou seja, anteriores à inserção do léxico como componente da gramática. Nesse mesmo tempo, lingüistas britânicos (Lyons, 9; Halliday, 4, 5, 6; Anderson, 1) começavam a analisar a causatividade no nível da frase inteira, ao invés de se restringirem especificamente a verbos.

Como a definição que apresentamos no tópico anterior aponta para um tratamento da causação como uma relação entre proposições, parece estranho indicarmos algum

---

\* Os vários tipos de causa podem ser alçados, em certas condições à posição de sujeito. Confrontem-se as frases:

a. O aluno chegou atrasado *por causa da chuva*

b. A *chuva* fez o aluno chegar atrasado.

No caso da frase (12), a simples topicalização do argumento *com o vento* torna-a gramatical, pois passa a expressar claramente o valor causativo. Cf.

(12a) Com o vento, João abriu a porta.

caráter estritamente morfológico da causatividade neste tópico. Contudo, dada a existência de morfemas causativos próprios — sobretudo prefixais e sufixais — ligados à forma verbal, em línguas como o turco, o basco, o guarani, o japonês, o Khmer, o coreano e muitas outras, cabe aqui examinar se existem também morfemas causativos em português. Certamente, como os morfemas causativos, naquelas línguas, têm a faculdade de converter um tema verbal intransitivo em um tema transitivo causativo, logo se evidencia que a explicação desse aspecto mórfico não pode ser dissociado de suas conseqüências sintáticas.

Nas línguas indo-européias, não são comuns procedimentos morfológicos na formação de verbos causativos. Nelas mais comumente se verificam procedimentos sintáticos ou léxico-sintáticos na formação de construções causativas, sendo esporádicas e nada sistemáticas as formações de verbos causativos com morfemas sufixais, por exemplo. Assim, em português são comumente apontados os sufixos *-izar* e *-ficar* como formadores de verbos causativos (*humanizar*, *esterilizar*, *atemorizar*, *danificar*, *purificar*, etc.), como mostram os exemplos de (13) a (16):

- (13) a. O prefeito humaniza a cidade.  
b. (O prefeito faz a cidade tornar-se humana.)
- (14) a. O marginal atemoriza as crianças.  
b. (O marginal causa temor às crianças.)
- 15. a. Os sanitaristas purificaram a água.  
b. (Os sanitaristas fizeram a água tornar-se pura.)
- 16. a. A água danificou os livros.  
b. (A água causou dano aos livros.)

Não se trata, porém, de qualquer processo sistemático na língua, já que nem todos os adjetivos e substantivos podem ser assim derivados. Além do mais, outros morfemas podem também formar causativos, como se dá em *afugentar*, abaixo ilustrado:

- (17) a. O lavrador afugenta os pardais.  
b. (O lavrador faz os pardais fugirem.)

E, o que é mais significativo, aqueles sufixos não formam verbos transitivos a partir de correspondentes intransitivos, como se dá em *afugentar/fugir*, o que é procedimento comum nas línguas acima apontadas.

Poder-se-ia argumentar que as frases de (13) a (16) podem ser correlacionadas a frases de processo (mudança de estado) correspondentes, com o objeto direto na posição de sujeito. Cf.:

- (18) A cidade se humaniza.
- (19) As crianças se atemorizam.
- (20) A água purificou-se.
- (21) Os livros se danificaram.

Contudo, estas parecem ser frases derivadas daquelas, e não o inverso, pela derivação decausativa. É certo que estas últimas poderiam ser também aproximadas das correspondentes estativas. Cf.:

- (22) A cidade é humana.
- (23) As crianças têm temor.
- (24) A água é pura.
- (25) Os livros estão com danos.

Seriam estas, pois, as frases básicas de que derivariam as de (18) a (21)? As evidências sintáticas apontam para uma resposta negativa. E a evidência maior está no fato de o verbo se construir na forma pronominal, sendo a pronominalização um dos processos de recessividade. As frases de (18) a (21) é que são, portanto, derivadas das correspondentes causativas de (13) a (16).

É de ressaltar, assim, um aparente paradoxo lingüístico: verbos morfologicamente derivados vêm a formar frases causativas básicas. Mas não se trata de paradoxo real, pois não são verbos derivados de verbos intransitivos correspondentes. De qualquer forma, o importante a assinalar é que as frases de (13) a (16) incluem as correspondentes frases de processo de (18) a (21), e isso é o bastante para que se assinale uma relação causativa entre duas proposições naquelas frases.

É interessante que, com esses verbos, quando considerados isoladamente sem contexto frásico, há uma tendência a interpretá-los em dois diferentes sentidos conforme se originem de adjetivo ou de substantivo: no primeiro caso, são basicamente interpretados com o sentido de 'mudança de estado' (processo), no segundo, no sentido causativo propriamente. Cf.: *humanizar* "tornar humano"; *purificar* "tornar puro"; *atemorizar* "causar temor"; *danificar* "causar dano". E é com tais sentidos básicos que são dicionarizados. Nos contextos frásicos, entretanto, é o sentido causativo que prepondera com todos esses verbos, pois as construções intransitivas típicas de processo não se realizam com eles. Cf.:

- (26) \* A cidade humaniza.
- (27) \* As crianças atemorizam.
- (28) \* A água purificou.
- (29) \* Os livros danificaram.

Esse tipo de derivação é, portanto, diferente daquela em que entram um prefixo e um sufixo simultaneamente (derivação parassintética), como é o caso de *endurecer*, *entristecer*, *engordar*, *entortar*, *endireitar*, *esfriar*, *esquentar* etc. Nestes, de fato, a derivação traz inicialmente à forma básica do adjetivo o sentido de mudança de estado (incoativo) e sobre esse sentido é que se deriva a construção causativa. Cf. as frases:

- (30) a. A menina entristeceu.  
b. A chuva entristeceu a menina.
- (31) a. A colher entortou.  
b. O garoto entortou a colher.
- (32) a. A sopa já esquentou.  
b. A empregada já esquentou a sopa.

Assim, do ponto de vista estritamente morfológico, estas últimas derivações não levam diretamente à formação de verbos causativos, que só podem ser assim considerados exatamente em frases derivadas das de processo.

2.2. Neste ponto, uma questão deve ser levantada. Corresponderá a construção causativa a qualquer frase transitiva? Em outros termos: constituirão a causatividade e a transitividade o mesmo fenômeno lingüístico? Sem dúvida, toda frase causativa é também transitiva, mas o reverso não é verdadeiro. Há basicamente dois tipos de construções transitivas: as que envolvem verbos 'inerentemente transitivos', tais como *ler*, *cozer*, *cortar*, *chutar*, *cruzar*, *atravessar*, *sentir*, *ouvir*, *recordar*,\* e as que envolvem uma

---

\* Isso não quer dizer que tais verbos não possam ser construídos intransitivamente. A intransitivização de verbos basicamente transitivos é um processo comum de diminuição de argumentos.

relação causativa. Nas primeiras ocorre um termo afetado (objetivo) e obrigatoriamente um Agente ou Experienciador compreendendo uma única proposição. Nas segundas, o argumento causativo (Agente, Instrumento, ou Causa) só ocorre exatamente na construção transitiva causativa, que compreende assim duas proposições; se não for expressa a proposição-causa, a proposição-efeito não conterá esse tipo de argumento.

Cotejem-se as construções de (33) a (36) com as de (37) a (39):

- (33) Os alunos leram dois romances.
- (34) O centroavante chutou a bola para fora.
- (35) O garoto sentiu uma dor no pé.
- (36) A velhinha recordava os dias de mocidade.
- (37) a. O menino fechou a porta.  
b. O menino fez a porta fechar.  
c. A porta fechou.
- (38) a. O motorista parou o carro.  
b. O motorista fez o carro parar.  
c. O carro parou.
- (39) a. O lenhador derrubou a árvore.  
b. O lenhador fez a árvore cair.  
c. A árvore caiu.

Com efeito, as construções de (33) a (36) não implicam frases do tipo *b* e *c* presentes nas construções de (37) a (39). Mesmo que tenhamos uma transformação passiva, sem que se expresse o Agente ou Experienciador, eles estarão subentendidos. Cf.:

- (40) Foram lidos dois romances (POR ALGUÉM)
- (41) Eram recordados os dias de mocidade (POR ALGUÉM)

Já nos conjuntos de (37) a (39), as frases da alínea *b* evidenciam a existência de duas proposições das construções da alínea *a*, enquanto as frases de *c* apontam para a possibilidade de construção (intransitiva) sem argumento causativo. As construções em (39) mostram um tipo peculiar de relação causativa entre verbos léxica e sintaticamente distintos, que será exposta no próximo item.

2.3. Tesnière (15, p.10; 14, p. 259 e segs.) e Lyons (9, p. 352 e segs.), entre outros, mostraram muito bem como frases monovalentes podem tornar-se bivalentes, as bivalentes, trivalentes e as trivalentes, tetravalentes, através de um procedimento que envolve a noção de causatividade. Essas derivações são obtidas, em português, tanto através do emprego de um verbo como *fazer* ou *causar*, como através de uma 'lexicalização', ou seja, o emprego de um lexema verbal específico que tenha o traço /+ causativo/. Observem as frases de (42) e (44):

- (42) a. O livro caiu.  
b. O aluno *fez* o livro cair.  
c. O aluno *causou* a queda do livro.  
d. O aluno *derrubou* o livro.
- (43) a. Os estudantes aprendem Lingüística.  
b. O professor *faz* os estudantes aprenderem Lingüística.  
c. O professor *ensina* Lingüística aos estudantes.
- (44) a. O aluno deu o livro ao colega.  
b. O professor *fez* o aluno dar o livro ao colega.

No exemplo (42), a frase monovalente torna-se bivalente em (42b) e (42c), respectivamente com o auxílio de *fazer e causar*, e em (42d) pela transformação de *cair* no causativo *derrubar*, com a especificação do agente *aluno*. Em (43), a construção bivalente é transformada numa frase trivalente em (43b) também com o auxílio de *fazer*, e em (43c) com a “lexicalização” de *fazer aprender em ensinar*. Finalmente, em (44) só a transformação por auxiliarização é possível, já que em português não há verbos causativos tetravalentes.

As considerações iniciais permitem esclarecer uma das relações que podem ser estabelecidas, pela noção de causatividade, entre as frases transitivas e as intransitivas: em primeiro lugar, o *mesmo* verbo pode entrar nos dois tipos de frases; em segundo lugar, verbos *diferentes* podem estar ligados pela mesma relação semântica nas frases transitiva e intransitiva correspondentes. Vamos insistir um pouco mais neste último caso, considerando as frases em (45):

- (45) a. O menino morreu.  
b. O marginal matou o menino.

Podemos dizer, neste caso, que a relação do transitivo ao intransitivo é *lexicalizada*. É a estrutura lexical do português que faz com que digamos *O marginal matou o menino* e não *O marginal morreu o menino*. A relação sintática e semântica que existe entre *matar e morrer* está entre aquelas que o falante do português deve aprender a reconhecer, da mesma forma como deve aprender a reconhecer a relação que existe entre os empregos transitivos e intransitivos dos verbos da classe de *entortar*. Provisoriamente, podemos considerar *matar e morrer* como dois verbos diferentes, mas veremos mais adiante a possibilidade de considerá-los como duas realizações fonológicas, sintaticamente condicionadas, de um mesmo verbo.

Desenvolvamos, agora, um pouco mais o primeiro caso, segundo o qual o mesmo verbo pode entrar tanto em construções intransitivas como transitivas. Ora, o exemplo (42) mostrou-nos a frase (42a) tornada transitiva através do auxiliar *fazer* em (42b) e através de *causar* em (42c), neste último caso com a conseqüente nominalização da frase complemento: “O menino causou a *queda do livro*”. Observe-se, entretanto, que não temos, com esse verbo (*cair*), a possibilidade de construção causativa sem auxiliar ou sem recurso a outra forma fonológica. Assim \* *O menino caiu o livro* é agramatical em português. Considerem-se, porém, as seguintes frases:

- (46) a. A janela quebrou.  
b. O garoto quebrou a janela.  
c. O garoto fez a janela quebrar.  
(47) a. A pedra rolou.  
b. João rolou a pedra.  
c. João fez a pedra rolar.  
(48) a. O leite esquentou.  
b. A empregada esquentou o leite.  
c. A empregada fez o leite esquentar.

As frases *a* e *b* são transformacionalmente relacionadas, tendo as frases *b* como paráfrases as frases *c*. Há, portanto, diferença entre as frases do tipo ilustrado em (42) e (45), de um lado, e as ilustradas de (46) a (48), de outro: Dizemos que as primeiras só admitem construção causativa através do acréscimo de um nome do tipo causativo (A-

gente, Instrumento ou Causa) e um *auxiliar*\* ou através da lexicalização causativa do verbo e o acréscimo de um nome do tipo causativo. Às do segundo tipo, entretanto, basta o acréscimo de um nome do tipo causativo na função de sujeito e o conseqüente deslocamento do primitivo sujeito da intransitiva para a função de objeto. Por isso, os verbos dos exemplos de (46) a (48), alínea *a* e *b*, podem ser chamados *ergativos*, já que com sua transitivação, um novo sujeito “ergativo” é introduzido como agente, instrumento ou causa do processo verbal.

Há, pois, construções causativas:

(I) com verbos transitivos ou intransitivos (e mesmo copulativos), através do acréscimo de um outro nome sujeito, do tipo causativo, e de um verbo auxiliar, basicamente *fazer* ou *causar*: esta é, portanto, a construção causativa tipicamente perifrástica;

(II) com verbos causativos implícitos, ou seja, formas verbais derivadas de adjetivos ou substantivos (com sufixos do tipo *-izar* e *-ficar*) e que não apresentam correlação com forma intransitiva que lhes corresponda;

(III) com verbos “ergativos”, através do acréscimo de um nome do tipo causativo na função de sujeito, passando o primitivo sujeito à função de complemento;

(IV) com transformações de “lexicalização”, que levam à derivação de outra forma fonológica superficial do verbo, que nada mais é que a forma básica acompanhada do traço /+ causativo/.\*\*

2.3.1. Com relação às construções causativas de primeiro tipo, observa-se que qualquer verbo da língua portuguesa pode sujeitar-se a uma derivação causativa com auxiliar. Em princípio, todos os verbos aceitam o auxiliar *fazer*, mas só os verbos que apresentam forma nominal substantiva correspondente é que são susceptíveis de construção com o auxiliar *causar*. Assim:

- (49) a. Os garotos saíram.  
b. O professor fez os garotos saírem.  
c. O professor fez com que os garotos saíssem.  
d. O professor causou a saída dos garotos.
- (50) a. A faculdade convocou os candidatos.  
b. O reitor fez a faculdade convocar os candidatos.  
c. O reitor fez com que a faculdade convocasse os candidatos.  
d. O reitor causou a convocação dos candidatos pela faculdade.

Mas:

- (51) a. As visitas sentaram.  
b. O pai fez as visitas sentarem.  
c. O pai fez com que as visitas sentassem.  
d. ? O pai causou .....das visitas.
- (52) a. O ajudante pegou o martelo.  
b. O ferreiro fez o ajudante pegar o martelo.

\* Estamos considerando o termo ‘auxiliar’ num sentido bem amplo, ou seja, como o vocábulo que situa toda uma construção numa dada categoria gramatical, no caso, a causatividade.

\*\* Masayoshi Shibatani faz uma simples distinção entre ‘causativas produtivas’ (nossas perifrásticas) e ‘causativas lexicais’ (que envolvem tanto as nossas ergativas como as lexicalizadas). Cf. Shibatani, 11, p. 12 e segs.; 12, p. 242). Já Dieter Kastovsky (7, p. 266 e segs.) faz uma distinção entre construções causativas explícitas envolvendo um auxiliar, causativas explícitas envolvendo um verbo causativo derivado de uma base não-causativa, e causativas implícitas, cuja relação do transitivo com o intransitivo é lexicalizada.

- c. O ferreiro fez com que o ajudante pegasse o martelo.
- d. ? O ferreiro causou ... do martelo pelo ajudante.

Observe-se que o processo de causatividade por auxiliarização é tão genérico, que se estende até aos verbos ergativos e aos causativos lexicalizados. Assim:

- (53) a. Roma incendiou.
- b. Nero incendiou Roma.
- c. Nero fez incendiar Roma.
- d. Nero causou o incêndio de Roma.
- (54) a. O filho morreu.
- b. O pai fez morrer o filho.
- c. O pai matou o filho.
- d. O pai fez matar o filho \*

Se bem que *fazer* e *causar* sejam os causativos básicos e gerais, perífrases causativas podem também ser apontadas com verbos como *forçar*, *obrigar*, *ordenar*, que mais se prestam à expressão da causação coerciva ou manipulativa. Considerem-se, pois, os exemplos abaixo:

- (55) a. João forçou/obrigou o funcionário a sair.
- b. João forçou/obrigou a saída do funcionário.
- c. João ordenou que o funcionário saísse.
- (56) a. João ordenou a saída do funcionário.

Embora tais verbos possam construir-se tanto com frases complemento como com nominalizações correspondentes, estão sujeitos, por outro lado, a fortes restrições quanto à natureza quer do predicado/nominalização complemento, quer do sujeito desse predicado, como mostram as frases agramaticais abaixo:

- (57) a. \* João forçou/obrigou Maria a sentir-se bem.
- b. \* João forçou/obrigou Maria a ser feliz.
- c. \* João ordenou que Maria adoecesse.
- d. \* João forçou/obrigou/ordenou a felicidade de Maria.
- (58) a. \* João forçou/obrigou a pedra a quebrar o vaso.
- b. \* João ordenou que a porta abrisse\*\*

Com efeito, as frases em (57) evidenciam que tais verbos são incompatíveis com eventos-causados representados por predicados *estativos* e correspondentes nominalizações, enquanto as frases em (58) mostram incompatibilidade com o evento causado por ser inanimado — tanto instrumento como objetivo — o sujeito da frase encaixada que representa esse evento. Contudo, haverá exceções para a incompatibilidade com predicados estativos, dependendo do próprio sentido da frase estativa ou de certas peculiaridades da relação entre o sujeito e o verbo estativo. Cf. a frase (59):

- (59) A polícia forçou/obrigou João a permanecer calado.

---

\* \_ Poderíamos ter também a causativa:

e. O pai causou a morte do filho.

Contudo, como o substantivo *morte* está relacionado tanto a *morrer* como a *matar*, essa frase é ambígua. Se relacionada a *morrer*, não se dá dupla causação.

\*\* Estamos considerando aqui apenas a linguagem denotativa.

Certamente, algumas dessas frases podem ocorrer em contextos de forte conotação, como histórias de fantasia, por exemplo.

2.3.2. Com relação às construções causativas do tipo ergativo, cabe inicialmente distingui-las dos casos de oposição entre transitiva e intransitiva por simples recessividade de um argumento. Neste, há o simples apagamento ou supressão do termo complemento, com conseqüente ampliação da significação do verbo. O sujeito, contudo, é argumento afetado (Objetivo) e que aparece na posição de sujeito. Cf.:

- (60) a. Meu filho está comendo bem.  
b. Meu filho está comendo legumes.  
(61) a. Eu não bebo.  
b. Eu não bebo cerveja.

Já a posição funcional dos termos nas construções ergativas muda radicalmente da frase transitiva para a intransitiva (não importa qual seja a básica): a construção transitiva ergativa corresponde à presença de um argumento causativo (Agente, Instrumento ou Causa) na posição de sujeito e de um argumento afetado (Objetivo) na posição de objeto direto, enquanto na construção intransitiva não há argumento causativo e o argumento afetado (Objetivo) é que aparece na posição de sujeito. Cf.:

- (62) a. Meu vestido rasgou.  
b. Um prego rasgou meu vestido.  
c. Eu rasguei meu vestido.  
(63) a. O navio afundou.  
b. O furacão afundou o navio.  
c. Os piratas afundaram o navio.

Assim, só os verbos que propiciam este último tipo de relação transitiva/intransitiva é que podem ser considerados ergativos, ou seja, dão origem a construções causativas ergativas.

Caracteristicamente, tais verbos envolvem a noção de 'mudança de estado', como *abrir, esquentar, esfriar, incendiar, quebrar, começar, deitar, acordar, endurecer, rachar, rasgar* ou a de 'movimento' ('mudança de localização'), como *rolar, mudar, afundar, virar, parar*, etc. Como dissemos anteriormente, a construção transitiva destes verbos, que já é causativa, pode recursivamente receber nova derivação causativa através de auxiliar.

2.3.3. Enfim, com respeito ao último tipo de construção causativa, toda uma lista de formas verbais causativas, resultantes de transformações por lexicalização, pode ser estabelecida em português. Atente-se para estes poucos exemplos:

<i>cair</i>	— (fazer cair)	— <i>derrubar</i>
<i>entrar</i>	— (fazer entrar)	— <i>introduzir</i>
<i>sair</i>	— (fazer sair)	— <i>expulsar</i>
<i>morrer</i>	— (fazer morrer)	— <i>matar</i>
<i>ver</i>	— (fazer ver)	— <i>mostrar</i>
<i>crer</i>	— (fazer crer)	— <i>persuadir</i>
<i>saber</i>	— (fazer saber)	— <i>anunciar</i>
<i>aprender</i>	— (fazer aprender)	— <i>ensinar</i>

Se pensarmos numas poucas possibilidades da língua de formar derivações causativas negativas (cf. Kastovsky, 7, p. 271), poderemos ainda acrescentar:

<i>ver</i>	— (fazer não ver)	— <i>esconder</i>
<i>crer</i>	— (fazer não crer)	— <i>dissuadir</i>

Dessa forma, verbos como *derrubar, matar, mostrar, persuadir e anunciar*, bem como *esconder e dissuadir*, são formas de “estrutura de superfície”, que apresentam o traço /+causativo/, comportando na sua realização sintática um argumento a mais em relação ao verbo base. Exemplificando:

- (64) a. *Pedro viu as cartas.*  
b. *O Jogador mostrou as cartas a Pedro.*
- (65) a. *O povo crê que ela seja eleita.*  
b. *O orador persuadiu o povo de que ela seria eleita.*
- (66) a. *O povo já sabe os últimos acontecimentos.*  
b. *O jornalista já anunciou os últimos acontecimentos ao povo.*

Certamente, deve existir uma relação similar entre *fazer ver, mostrar e esconder*. Assim,

(67) O Jogador escondeu de Pedro as cartas, é o oposto de (64b), na medida em que a frase encaixada é negativa: “O jogador fez Pedro não ver as cartas”. É interessante mostrar a relação entre essa frase e as correspondentes negativas:

- (68) O jogador não mostrou as cartas a Pedro.
- (69) O jogador não escondeu de Pedro as cartas.

Enquanto em (67) o alcance da negativa afeta apenas a frase encaixada (= proposição causada), em (68)—(69) ela afeta a proposição causadora. Assim, (68) é representada como ‘O jogador não fez Pedro ver as cartas’, enquanto (69) é representada como ‘O jogador não fez Pedro não ver as cartas’. Deve-se acrescentar que (67) e (69) permitem diferentes realizações de superfície, como segue:

- (70) O jogador impediu Pedro de ver as cartas.
- (71) O jogador não impediu Pedro de ver as cartas.

Nestas duas últimas, a negação da frase encaixada foi alçada e adicionada a fazer, formando FAZER + NEG, que é então realizado como *impedir*, e que não é certamente o mesmo que NEG + FAZER. (70) ilustra a causação negativa, (71) a negação da relação causa-efeito. Assim, enquanto (68) é a negação de (64b), tanto (67) como (70) são seu oposto e não sua negação, o que é claramente indicado pela origem da negativa na frase encaixada.\*

### 3. PARÂMETROS SINTÁTICO-SEMÂNTICOS DAS CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS

3.1. Afirmamos, no tópico anterior, que frases de construção ergativa tinham como paráfrases as construções perifrásticas com *fazer*. Cabe analisar aqui se se trata de paráfrases estritamente sinônimas ou se podem apresentar diferente comportamento sintático e semântico. Como os diversos tipos de construções causativas, entretanto, sempre apresentam possibilidade também de construção perifrástica, vamos fazer uma única oposição entre construções perifrásticas e não-perifrásticas.\*\*

Observemos como a modificação adverbial se correlaciona com as causativas peri-

---

\* Esta breve análise das causativas negativas seguiu de perto a proposta de Kastovsky (7, p. 271-3)

\*\* Trata-se aqui, para os fins desejados, daquela simples oposição feita por Shibatani entre causativas produtivas e não-produtivas.

frásticas e as não-perifrásticas. Shibatani (11, p. 17 e segs.; 12, p. 245) apontou para o inglês e o japonês que, com as causativas perifrásticas (produtivas, nos termos dele), os advérbios podem ser interpretados como modificadores tanto do evento causador como do evento causado. Considerem-se os seguinte exemplos em português:

- (72) Mário fez o irmão entrar no quarto silenciosamente.
- (73) Mário fez o irmão parar de repente.
- (74) Mário fez o irmão subir na árvore com as mãos.
- (75) Mário fez o irmão acordar às seis horas.
- (76) Mário fez o irmão vestir as roupas no quarto.

Há diferenças de interpretação entre as três primeiras frases e as duas últimas, com respeito ao alcance da modificação adverbial. As frases (72), (73) e (74) são, sem dúvida, ambíguas quanto ao evento que o adverbial modifica. Assim, *silenciosamente* tanto pode modificar o evento causador (“Mário fez silenciosamente”) como o evento causado (“o irmão entrou silenciosamente”). Do mesmo modo: “Mário fez de repente”/“o irmão parou de repente”, “Mário fez com as mãos”/“o irmão subiu na árvore com as mãos”). Certamente, o advérbio pode modificar apenas o evento causador, e para evitar ambigüidade, nesse caso, basta alterar a ordem adverbial na frase. Confiram-se:

- (77) Mário silenciosamente fez o irmão entrar no quarto.
- (78) De repente Mário fez o irmão parar.
- (79) Com as mãos, Mário fez o irmão subir na árvore.

Os adverbiais de tempo e de lugar, entretanto, não podem ser interpretados como modificando apenas o evento causador. Assim, uma interpretação de (75) é similar a uma das interpretações de (72), e diz que o irmão levantou-se às seis horas, com o entendimento de que a atuação de Mário ocorreu antes das seis horas. A outra interpretação diz que tanto a atuação de Mário como o acordar do irmão ocorreram às seis horas. O que a frase (75) não permite é a interpretação de que apenas a atuação de Mário tenha ocorrido às seis horas, com o entendimento de que o acordar do irmão tenha sido depois dessa hora. É significativo verificar que, mesmo com a mudança posicional do advérbio para junto do evento-causador, a modificação abrangerá tanto o evento-causador como o evento causado. Cf:

- (80) Mário, às seis horas, fez o irmão acordar.
- (81) No quarto, Mário fez o irmão vestir as roupas.

No caso das construções causativas não-perifrásticas, apenas uma interpretação da extensão modificadora do adverbial é possível. Cf.:

- (82) Mário introduziu o irmão no quarto silenciosamente.
- (83) Mário parou o irmão de repente.
- (84) Mário subiu o irmão na árvore com as mãos.
- (85) Mário acordou o irmão às seis horas.
- (86) Mário vestiu o irmão no quarto.

Nas frases de (82) a (84) não há dupla interpretação do modo como se observou de (72) à (74); o advérbio modifica apenas a atividade de Mário. Já os advérbios de tempo e lugar, respectivamente em (85) e (86), modificam os eventos como um todo, não poden-

do ser interpretados como modificando apenas os eventos causados. Assim, a única interpretação possível de (85) é que tanto a ação de Mário como o acordar do irmão ocorreram às seis horas.

As causativas lexicalizadas são vistas por Fillmore como um 'processo de amálgama' (2, p. 50). E o amálgama de dois eventos só é possível se suas especificações de tempo e lugar são idênticas. Se forem diferentes, o amálgama não é possível. Kastovsky (7, p. 265) ilustra esse fato, adaptando o exemplo de Fillmore, como segue. Suponhamos que um assaltante atira num policial e fere-o, alojando-se a bala próximo dos pulmões, sem que o médico operador consiga tirá-la. Dois anos depois, a bala penetra nos pulmões, e o policial finalmente vem a morrer. Não há dúvida de que o assaltante em última instância causou a morte do policial, isto é, 'ele fez o policial morrer dois anos depois'. Mas, nesta frase, 'fazer morrer' não pode ser substituído por *matar*, isto é, enquanto poderíamos dizer "a bala finalmente matou o policial", não poderíamos dizer "o assaltante finalmente matou o policial", uma vez que a causa (o tiro do assaltante) e o resultado (a morte do policial) têm duas diferentes especificações de tempo.

Não há, pois, como apontar absoluta identidade sinonímica entre uma construção perifrástica e a não perifrástica correspondente.

3.2 — Já assinalamos a natureza causativa do argumento relacionado ao evento-causador. Vimos que poderia ser Agente, Instrumento ou Causa. Aprofundemos um pouco mais a variedade e complexidade (e às vezes ambigüidade) desse argumento, analisando inicialmente a seguinte frase:

(87) O marinheiro fez Olívia rir.

Pode-se indagar por que Olívia veio a rir, ou ainda, de que modo o marinheiro está envolvido em fazer Olívia rir. Certamente, ele pode produzir essa reação em Olívia de vários modos, tanto parecendo ridículo, como fazendo gracinhas, ou mesmo contando-lhe piadas picantes ou fazendo-lhe cócegas. Assim, a causa da risada de Olívia pode não ser o marinheiro em si, mas algum evento de que ele participa. A frase (87), pois, implica várias possibilidades, que podem ser explicitamente expressas em:

- (87) a. A aparência do marinheiro fez Olívia rir.
- b. As gracinhas do marinheiro fizeram Olívia rir.
- c. O marinheiro fez Olívia rir contando-lhe piadas picantes. etc.

Como se pode observar, (87a) difere de (87b) e (87c) na medida em que, no primeiro caso, é o estado do marinheiro que causa risada de Olívia, enquanto nas demais é a ação desenvolvida por ele que causa o mesmo evento. Este último caso é mais evidente em (87c), em que o *marinheiro* é também o sujeito da frase reduzida (causativa ou instrumental). Daí podermos ver o *marinheiro* como um SN alçado de uma frase encaixada para constituir-se no sujeito da principal. Em (87), portanto, o *marinheiro* deve ser considerado como um vestígio de uma oração implícita, que como um todo é a causa ou o instrumento da risada de Olívia, da qual podem ter sido suprimidos todos os termos, exceto o *marinheiro*. Assim, uma das interpretações da estrutura subjacente a (87) pode ser aproximada às que têm sido apresentadas pelos gerativistas para as causativas lexicalizadas: 'o marinheiro FAZ ALGO que faz Olívia rir'.

Mas o que dizer de frases como (88) ou (89)?

(88) A evidência fez o advogado ter certeza de que ganharia a causa.

(89) A evidência convenceu o advogado de que ganharia a causa. Certamente, a *evidência* não pode executar uma ação que convence o advogado. Mas também não é sua mera existência que tem esse efeito. Antes deve ser algo particular à evidência, como a força dos argumentos apresentados, a fragilidade dos argumentos contrários, a presença de testemunhas importantes, a abundância de provas, que resulta na convicção expressa na frase resultante. Podemos admitir, portanto, que o sujeito do evento causador de (88) e (89) é apenas parte ou síntese de uma oração subjacente (ou várias), do tipo:

- (89) a. A fragilidade dos argumentos contrários convenceu o advogado de que ele ganharia a causa.
- b. A presença de testemunhas importantes convenceu o advogado de que ele ganharia a causa.
- c. A abundância de provas decisivas convenceu o advogado de que ele ganharia a causa.

De qualquer forma, a relação causativa entre os eventos não é do mesmo tipo encontrado em (90):

- (90) Paulo convenceu o advogado de que ele, advogado, ganharia a causa.  
      em que Paulo deve estar ativamente envolvido no processo causativo, por exemplo, apresentando argumentos ou causas semelhantes e vitoriosas que resultam na convicção do advogado.

Há, pois, uma importante distinção a fazer na relação causativa entre os eventos. Deve-se distinguir, de um lado, a causação ativa, em que alguém está ativamente envolvido em causar algo, como em (90) e (87b-c); de outro, a causação estativa, em que o fator causador é um estado, como em (87a), (88) e (89a-c). A esse respeito, a frase (87) é ambígua.\*

#### 4. ASPECTOS SEMÂNTICOS-PRAGMÁTICOS DA CAUSATIVIDADE

4.1. A descrição das construções causativas em português, até aqui desenvolvida, deixou em aberto um sem número de questões semânticas e/ou pragmáticas envolvidas em tais estruturas. Vamos procurar, agora, encaminhar tão somente alguns dos aspectos que ficaram pendentes na própria análise, sem pretender abrangê-los em profundidade.

Ao examinarmos, no tópico 3, os parâmetros sintático-semânticos das construções causativas perifrásticas e não-perifrásticas, concluímos pela ausência de identidade sinonímica absoluta entre elas. Consideremos agora particularmente as causativas lexicalizadas às correspondentes perifrásticas para deprendermos o comportamento do SN Agente em ambas. Para tanto, voltemos uma vez mais às frases *a*, *b* e *c* de (54):

- (54) a. O filho morreu.
- b. O pai fez o filho morrer.
- c. O pai matou o filho.

Já sabemos que *b* e *c*, embora tenham a mesma relação causativa com *a*, não constituem frases sinônimas estritas, já que é distinto o comportamento de qualquer adver-

---

\*Análise similar encontra-se em Kastovsky (7, p. 275-6)

bial que se venha a acrescentar numa e noutra. Podemos acrescentar também que elas não podem ser empregadas indiferentemente quando se quer assinalar a causatividade. Trata-se não apenas de duas estruturas superficialmente distintas, mas também de diferentes conteúdos semânticos transmitidos. Com efeito, em (54b) temos o SN sujeito (Agente) *o pai* como “participante indireto” do processo verbal; diríamos que ele é a *causa* do processo, mas não o *executor intencional*. De fato, a morte do filho pode ter decorrido de um conjunto de elementos — desde desamparo até maus tratos — não por qualquer agressão direta do pai que culminasse no ato de matar. É, pois, um sujeito causativo, mas nada se assinala quanto a uma ação direta. Já em (54c), o mesmo SN sujeito (Agente) aparece como “participante direto” do processo verbal, sendo não apenas a *causa*, mas também o *instigador* e *executor ativo* do processo. Nota-se, pois, uma maior proximidade entre o causador e o resultado em (54c) do que em (54b).

Um pouco diversa parece a relação semântica existente entre as duas causativas de (91):

- (91) a. Os alunos saíram.
- b. João fez os alunos saírem.
- c. João expulsou os alunos.

Aqui também não temos, independentemente de possíveis adverbiais adicionados às causativas, a mesma significação transmitida em *b* e *c*. Enquanto a última exprime causa associada à noção de coerção, (91b) não assinala tal noção, ou pelo menos é neutra quanto a este aspecto. Daí aparecer em contextos com (91d):

- (91) d. Dado o perigo de incêndio, João fez os alunos saírem.
- enquanto seria pelo menos estranho o emprego de *expulsar* em tal contexto.

Essas mesmas frases permitem passar para outros aspectos da significação, de interesse para a compreensão da estrutura causativa. Uma noção que é fundamental para certas línguas, com conseqüências estruturais importantes na expressão da causatividade, é a de *intencionalidade*, noção essa estreitamente relacionada à de *controle* da causação.\* Em português, o que podemos dizer é que certas expressões adverbiais introduzidas na frase causativa são suficientes para se assinalar a intencionalidade ou não do nominal causador.

Observem-se as seguintes frases:

- (92) a. Pedro derrubou Paulo *de propósito*.
- b. Pedro derrubou Paulo *sem querer*.
- (93) a. Pedro *deliberadamente* mudou a mesa de lugar.
- b. O tombo de Pedro mudou a mesa de lugar.
- (94) a. A mulher fez com que o marido comprasse a casa.
- b. A chuva fez com que a mulher adoecesse.
- (95) a. Os marginais obrigaram o policial a esconder-se.
- b. A chuva obrigou o policial a esconder-se.

Em face de tais exemplos, pode-se dizer que as construções causativas em português podem assinalar intenção ou não-intenção, dependendo de expressões que se lhes associem ou do tipo de sujeito causador, podendo apresentar ainda estruturas ambíguas.

---

\*De acordo com Givón (3, p. 61 e segs.), o inglês, por exemplo, tem auxiliares próprios para causação intencional e um outro para causação incidental (não-intencional).

Assim, todas as construções em *b*, nos exemplos de (92) a (95), ilustram o caso de sujeito causador não-intencional, enquanto as de *a* têm sujeito intencional nos três primeiros exemplos, sendo ambígua a esse respeito a de (95a). Pelo menos duas interpretações são aqui possíveis: primeira, os marginais resolutamente forçaram o policial; segunda, a presença dos marginais percebida pelo policial, sem que eles sequer soubessem, levou-o a esconder-se. Devemos lembrar, entretanto, como deixam entrever os próprios exemplos, que o problema da intencionalidade se correlaciona aos tipos ativo e estativo da proposição-causa, conforme analisamos no item 3.2. Nesse sentido, pode-se dizer que, se a proposição-causa é estativa, o sujeito da construção causativa é sempre não-intencional, ao passo que, se é ativa, o sujeito pode ser tanto intencional como não-intencional, dependendo da interpretação que se dá à causativa como um todo.

Já o traço *controlador* só se pode associar a nomes com a função semântica de Agente; se o sujeito da proposição-causa for pois representado por nome de função Instrumento ou Causa, não terá certamente tal traço; nem é este um traço com presença exclusiva no sujeito da proposição-causa. Além disso, mesmo se tratando de nome Agente, a presença ou não do controle depende bastante do tipo de frase causativa em que ele aparece como sujeito, como também da ocorrência ou não de outros elementos. Assim, nas causativas do tipo ergativo e nas lexicalizadas, o sujeito é comumente 'agente' e 'controlador', mesmo porque tais expressões causativas, em sua maioria, envolvem resultados que são *estados*, ou processos, ou seja, resultados em que o nominal da proposição-efeito é um mero paciente, como mostram as frases (54c), (92a) e (93a), entre outras. As causativas perifrásticas, por outro lado, mais freqüentemente envolvem a manipulação de um agente humano por outro, criando situações em que conflitos quanto ao controle podem surgir, como nos parece o caso de (94a), ou situações em que não se manifesta qualquer tipo de controle na causativa, como é o caso de (94b). Mas nesta, como também em (93b), e (94b), o sujeito da causativa, sendo não-agentivo, não pode efetivamente exercer controle, o qual pode, entretanto, estar presente em outro nome animado da proposição-efeito, desde que agente; é o caso de (95b), mas não de (94b), já que nesta última o nominal *a mulher* é não-agentivo.

De qualquer modo, não deixa de ser importante a consideração do traço /+ controle/ presente neste ou naquele argumento da construção causativa. Se pensarmos, por exemplo, nas restrições apontadas anteriormente para os auxiliares causativos do tipo *forçar* (coercivos), veremos que eles apresentam plena compatibilidade com predicados estativos quando estes aparecem com nome animado que possa exercer "controle" do estado expresso, como nas frases abaixo:

- (96) a. A polícia forçou João a permanecer em casa.
- b. O professor obrigou João a ficar em pé no canto.
- c. O patrão ordenou que Maria estivesse lá às nove em ponto.

Por outro lado, é a "orientação" do controle que determina a estrutura sintática da proposição-efeito, quando esta apresenta dois argumentos representados por nomes com o traço /+ animado/. Considerem-se, pois, as frases em (97):

- (97) a. O marido fez os médicos examinarem a mulher.
  - b. O marido fez a mulher ser examinada pelos médicos.
- A alternativa se apresenta em função de o causador "o marido" exercer controle sobre o nominal "os médicos" ou "a mulher". Certamente, a diferença semântica entre uma e outra causativa é patente; mas tal diferença se manifes-

ta quando os argumentos envolvidos são todos “animados”. Se, entretanto, o argumento sujeito da proposição-causa for não-animado, deixará de existir diferença semântica entre uma e outra estrutura, como mostram os exemplos abaixo:

- (98) a. A aparência doentia fez os médicos examinarem a mulher.  
b. A aparência doentia fez a mulher ser examinada pelos médicos.

4.2. Os tópicos anteriores permitiram-nos observar o quanto são formalmente marcadas as construções causativas em português, variando desde marcas morfológicas, embora poucas e assistemáticas, até marcas léxicas e sintáticas, com absoluta predominância destas últimas. Já as considerações semântico-pragmáticas, atrás desenvolvidas, mostraram-nos quão pouco marcados são formalmente aspectos como ‘intenção’, ‘controle’ e ‘orientação’ nas expressões causativas. Não seria estranho colocar por fim esta questão: Haverá a expressão da causatividade, em português, fora dos quatro padrões assinalados? Ou, em outros termos: Poderão ser apontadas frases como causativas apenas ao nível de interpretação? Estamos pensando, pois, na possibilidade de ocorrência de frases com verbos meramente transitivos que possam ser interpretadas com valor causativo. Considere-se, por exemplo, a frase abaixo:

- (99) A velhinha do 5.º andar pintou todo o apartamento.

Embora essa frase não seja superficialmente portadora de qualquer marca formal de causatividade, pode-se dizer que apresenta um sujeito tipicamente causativo. Pensamos no SN sujeito como alguém que não tem condições físicas para tal empreendimento, uma velhinha octogenária, por exemplo. Ora, o sujeito causativo apenas dispõe que X é de algum modo responsável por Y, mas não especifica necessária e exatamente em que medida. A presença nele dos traços /+ instigador /e /+ causa/ não acarreta necessariamente a presença dos traços /+ executor/ e /+ origem/ da ação. Por certo, se a velhinha não está fisicamente envolvida na pintura do apartamento, a interpretação possível da frase é (100):

- (100) A velhinha do 5.º andar fez com que o apartamento fosse pintado.

Esta última compreende uma pró-forma (POR ALGUÉM) certamente apagada no processo derivacional; mas que, na estrutura subjacente, é portadora dos traços /+ executor/e /+ origem/, na medida em que é bem maior sua coesão com o verbo da frase encaixada F<sub>2</sub>. A frase (99), portanto, superficialmente sem a marca da causatividade, pode ser considerada uma derivação da frase (100); por supressão ou apagamento do auxiliar causativo e do SN agente de F<sub>2</sub>. O indício está na presença de um SN sujeito que apresenta uma relação tipicamente causativa com o verbo transitivo.

ARRAIS, T.C. — The causative constructions in Portuguese. *Alfa*, São Paulo, 29:41-58, 1985.

*ABSTRACT: Although causativity is common to the different languages of the world, the way it is expressed varies from one language to the other. In semantic terms, a "causative situation" can be defined as a relation between an event-effect, so that the occurrence of the latter is entirely dependent upon the former. This paper is restricted to an analysis of the problem in Portuguese, trying (i) to describe the morphological and syntactic patterns used in Portuguese to represent causativity; (ii) to establish syntactic and/or morphological parameters which define the relation held between the elements in causative constructions; (iii) to examine semantic-pragmatic aspects of causativity.*

*KEY-WORDS: Causativity; proposition-cause; proposition-effect; agent; cause; instrument; derivation; lexicalization; causative verbs; transitive verbs; auxiliary verbs; ergative verbs; periphrastic constructions.*

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDERSON, J.M. — *The Grammar of case: towards a localistic theory*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1971.
2. FILLMORE, C.J. — Some problems for case grammar. *Monograph Series on Languages and Linguistics*, n.º 24, 1971
- × 3. GIVÓN, T. — Cause and control: on the semantics of interpersonal manipulation. In: KIMBALL, J. ed. *Syntax and semantics*. New York, Academic Press, 1975. v.4, p. 59-89.
4. HALLIDAY, M.A.K. — Notes on transitivity and theme in English. Part. 1. *Journal of Linguistic*, 3: 37-81, 1967.
5. HALLIDAY, M.A.K. — Notes on transitivity and theme English. Part 2. *Journal of Linguistics*, 3:199-244, 1967.
6. HALLIDAY, M.A.K. — Notes on transitivity and theme in English. Part 3, *Journal of Linguistics*, 4:179-215, 1968.
7. KASTOVSKY, D. — Causatives. *Foundations of Language: International Journal of Language and Philosophy*, 10:255-315, 1973.
8. LAKOFF, G. — *Irregularity in syntax*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1970.
9. LYONS, J. — *Introduction to theoretical linguistics*. London & New York, Cambridge Univ. Press, 1968.
10. McCAWLEY, J.D. — Lexical insertion in a transformational grammar without deep structure. In: DARDEN, B. et alii, eds. — *Papers from the Fourth Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society*, 71-80. Chicago, Univ. Chicago, 1968.
11. SHIBATANI, M. — *A Linguistic study of causative constructions*. Berkeley, Univ. California, 1973. (Ph. D. dissertation).
12. SHIBATANI, M. — Causativization. In: *Syntax and Semantics: Japanese Generative Grammar*. New York, Academic Press, 1976. v. 5, p. 239-94.
- × 13. SHIBATANI, M.; ed. — *Syntax and semantics: the grammar of causative constructions*. New York, Academic Press, 1975. v. 6.
14. TESNIÈRE, L. — *Éléments de syntaxe structurale*. Paris, Klincksieck, 1966.
15. TESNIÈRE, L. — *Esquisse d' une syntaxe structurale*. Paris, Klincksieck, 1953.